

PSICANÁLISE: HOJE E AMANHÃ

R. Horácio Etchegoyen*

É difícil dizer com exatidão quando nasce a psicanálise, mais, ainda, precisar seu campo no momento atual e quase impossível predizer o que será no futuro.

Podemos concordar com Strachey (Freud, Obras completas, vol. 3, p. 48, nota 6 e 14142) que a palavra "psicanálise" aparece pela primeira vez em "L' hérédité et l'etiologie des névroses" (Freud, 1896a), escrito para a Revue de Neurologie; mas não há dúvida que o movimento que leva da coerção associativa até a psicanálise foi lento e gradual. É possível percebê-lo nas últimas histórias clínicas de Estudos sobre a histeria (Breuer e Freud, 1895d), sobretudo com Lucy e Elizabeth Von R. quando Freud vai compreendendo, cada vez mais, que o esquecimento está substancialmente ligado à resistência a recordar. O passo conceptual, em troca, é nítido: vai da coerção com imposição das mãos à associação livre.

é legítimo, portanto, dizer, com suficiente aproximação, que a psicanálise tem já um século de existência, dividida em duas metades pela morte de Freud.

Durante sua vida, graças a seu gênio incomparável e à sua grande autoridade, que nem sempre estava livre de tons autoritários, como diz Speziale?Bagliacca (1982), Freud pôde conter dentro de si (e só até certo ponto, já que algumas lhe escaparam) as diversas correntes que de fato constituem a psicanálise e se separam em escolas quando termina a década de trinta. Nessas novas correntes de pensamento é possível perceber, aqui e ali, as marcas que deixaram Jung e Adler, os grandes dissidentes dos anos dez. Penso, como outros autores, que, depois de cinqüenta anos, e como resultado de um luto que levou muito tempo em elaboração, nós analistas estamos mais dispostos a reconhecer a dolorosa perda que sua morte deixou e, saindo por fim de uma espécie de orfandade teórica, nos animamos a pensar por nós mesmos, enquanto nos perguntamos, com Wallerstein (1988), qual é o common ground de nosso trabalho.

Se olharmos agora com serenidade a primeira centúria de nossa disciplina, veremos que os problemas enfrentados pela psicanálise surgem já em suas origens e se desenvolvem ao longo de sua história, sendo que, com o correr dos anos, se foram definindo com maior clareza e puderam ser abordados com instrumentos mais penetrantes e precisos; e também com mais tranquilidade. A dialética natureza/cultura surge, desde o princípio, como o demonstra o trabalho de 1896 recém mencionado, bem como o eterno problema da realidade e fantasia, junto à ubíqua existência do conflito psíquico. No terreno da técnica, seguimos igualmente preocupados, como antes, com a atitude e a atividade do analista, sempre ligadas, estas, ao desenvolvimento da cura e seus resultados, nas coordenadas de transferência e contratransferência.

Como produto da evolução, o homem é, sem dúvida, um ser animal, um organismo biológico em perpétua interação com o mundo que o rodeia, bem como produto de várias culturas que ele mesmo foi construindo. O meio ambiente em que o homem se situa é, em essência, a sociedade em que vive, e suas adaptações, que têm a ver principalmente com seus semelhantes, se remetem sempre a uma forma particular de comunicação, a linguagem articulada, a palavra.

Esta salomônica definição, no entanto, que sem dúvida pode encontrar-se em Freud, não resolve a dialética natureza/cultura e suas múltiplas ramificações e conseqüências.

Quando, na metade dos anos trinta, Harry Stack Sullivan, Karen Horney e Erich Fromm se afastam de Freud e de sua escola para fundar a neopsicanálise, levantam a bandeira do culturalismo, argumentando que Freud atentava mais à biologia (w instintos, as pulsões, como se diz agora) do que à sociedade. Estes argumentos voltam a enfatizar-se, em nossos dias, por analistas que pertencem à IPA. Alguns deles consideram a psicanálise como uma hermenêutica e não como uma ciência natural sustentando que a psicanálise não trata com fatos que podem ser explicados, mas com significados só alcançados através da compreensão.

Não desejo simplificar este árduo problema, porque não penso que todos os analistas; que se colocam ao lado das Geisteswissenschaften desconsideram a natureza animal do homem e porque entendo, também, que a hermenêutica contém diversas tendências e não é um corpo unitário de doutrina. Por outro lado, há os que prestam especial atenção à linguagem sem serem por isso hermeneutas. Lacan (1966), por exemplo, separa firmemente a psicanálise da biologia e sustenta que o inconsciente está estruturado como uma linguagem, enquanto ironiza a hermenêutica. Tampouco foi hermeneuta Liberman (1962, 1970 72), apesar da importância que atribui à comunicação e à linguagem. Lacan chega a dizer que o homem é um animal doente de linguagem e Erich Fromm (1955) vai tão longe que define o homem como um ser desenraizado da natureza, quando o muito que se poderia dizer é que é um ser em conflito com sua natureza.

O certo é que este problema me atrai há muito tempo. Quando me apresentei à Assembléia de Membros no Congresso de Buenos Aires, assinei que o status epistemológico da psicanálise era um dos temas candentes de nossa disciplina, e assim o sigo entendendo. Darei, pois, os passos necessários para que este magno problema tenha lugar em nossos congressos internacionais, bem como em outras reuniões mais circunscritas, mesmo com o risco de que a paixão dos grandes intelectuais de nossos dias leve a discussão a perder sua necessária moderação. Já nesse Congresso o tema surgiu no sugestivo trabalho de Dennis Duncan (1992), A teoria "in vivo", que abre com a categórica afirmação de que "a psicanálise deixou totalmente para trás seu primeiro pressuposto inquestionável: o de pertencer às ciências naturais" (Revista de Psicanálisis, tomo 49, p. 239).

Vale a pena assinalar que, desde a psicologia compreensiva de Jaspers à compreensão cênica de Lorenzer, a nova linguagem para a psicanálise de Roy Schafer (1976) e o narrativismo de Spence (1982), passaram muitos anos. Em Jaspers (1913), a compreensão genética é algo limite, tem a ver com uma captação imediata, da qual não se pode ir mais além, de modo que, quanto mais se compreende menos se precisa interpretar. Para Lorenzer (1970), em troca, a compreensão se alcança porque o déficit de simbolização (clichê) vem à cena na transferência, onde o captamos por empatia (Einfühlung). Lorenzer é um analista que emprega os mesmos ingredientes que todos nós, ainda que seu método o coloque em lugar particular. O mesmo pode ser dito de Schafer e Spence, nos quais se faz patente a influência de George S. Klein (1976) e sua denodada luta contra a metapsicologia hartmanniana. Um lugar importante nesse debate ocupa Merton M. Gill, como se pode ver no trabalho que

apresentou no Instituto de Psicanálise de New York, ao obter o Heinz Hartmann Award. Gill (1992) acredita que, conforme a contribuição de Racker (1960, *páss im*) quanto à contratransferência na situação analítica, fica demonstrado que a neutralidade (que tão bem ele mesmo definiu em 1954!) é um mito quando o que Racker denuncia como tal é a negação da contratransferência. Racker sempre pensou, diga se de passagem, que a neutralidade só surge no analista quando este resolve seu conflito de contratransferência e pode, daí, integrá-lo ao seu trabalho interpretativo. O analista não é neutro por definição, ele chega a sê-lo. Há uma diferença fundamental entre Racker (1953, Estudo VI, parágrafo II) e Grinberg (1963) e os autores como Lorenzer (1970), que, a partir da Allgemeine Psychopathologie, consideram a Einfühlung como um conhecimento confiável e último, como vivência de evidência (Lorenzer, *El lenguaje destruido y la reconstrucción psicoanalítica*, p. 75). Para os autores da escola argentina, em troca, a empatia é um ganho superior da contratransferência concordante e não pode ser separada do conflito uma afirmação que sem dúvida agradaria a Brenner.

Enquanto para Lorenzer e os autores norte americanos acima mencionados, a compreensão repousa num círculo hermenêutico, no interjogo permanente entre a compreensão do todo e das partes, Heinz Kohut (1959, 1971, 1984) construiu um sistema teórico completo, onde a empatia cumpre também um papel fundamental. Kohut, no entanto, usa a empatia apenas como instrumento para coletar dados, com o que se cumpre o primeiro passo para a interpretação, inscrito, sem lugar a dúvidas, dentro da psicologia compreensiva (*Verstehetnde Psychologie*), enquanto o segundo momento é explicativo (*Erklärende Psychologie*); por isto, para Kohut, a psicanálise é uma ciência natural. Apesar do empenho de Kohut, muitos pensam, no entanto, ao dar um lugar central à empatia, e ao confiar plenamente nela, que o sistema de pensamento de Kohut deve ser considerado como uma psicologia compreensiva. (Também para Kohut a empatia, imediata e confiável, nada tem a ver com a contratransferência.)

Para Freud e os grandes analistas que o seguiram, desde Abraham a Hartmann e Rapaport, passando por Ferenczi, Jones, Melanie Klein, Wälder e Susan Isaacs, a psicanálise é uma parte das ciências da natureza. Freud sempre se ufanou de ter conquistado, para a ciência, um campo até então liberado aos filósofos e nunca teve dúvida de que o conhecimento psicanalítico se referia a fatos. à divisão que ele estabelece entre representação de coisas e representação de palavra fala por si mesma. E vale a pena ler com atenção o vigoroso ensaio "A epistemologia de Sigmund Freud", que Gregorio Klimovsky apresentou no Congresso de Roma, em 1989, para dar se conta de que os conceitos de inconsciente, sexualidade infantil e transferência são apresentados, por Freud, como fatos e não como metáforas. Para Jung a sexualidade infantil é um símbolo de um conflito atual; para Freud, por outro lado, a sexualidade infantil é (junto com outras) a causa do conflito atual. Hartmann, Löwenstein e Kris trabalharam com o mesmo esquema, que alcançou sua formulação mais rigorosa em David Rapaport, cujos discípulos principais, Gill, George Klein, Schafer, se inclinaram depois, decididamente, para a hermenêutica.

Há muitos aspectos na obra de Freud, sem dúvida, que devem localizar se no campo da hermenêutica. Em um dos seus trabalhos mais recentes, "Some historical and critical notes on the relationship between hermeneutics and psychoanalysis", Riccardo Steiner (1993) assinala que, ao longo de toda a obra de Freud, podem encontrar se numerosas passagens em que a psicanálise está ligada às ciências humanas e onde o criador adota implicitamente uma posição hermenêutica. "It is this ambiguous, double way of thinking, the wish to build up a comprehensive psychology, without losing contact with the other natural sciences like neurophysiology and biology which makes bis enterprise so unique" diz com razão Steiner (1993, p. 14). às vezes, as contradições de Freud são inconsistentes; mas outras levam a marca do gênio. O significado ocupa, sem dúvida, um lugar importante no raciocínio freudiano, porém nunca separado do impulso e do corpo.

Falando claramente, com todos os riscos que isso implica, diria que a discussão se estabelece entre os psicanalistas que aspiram estabelecer o sentido do que se passa no inconsciente do analisado e os que consideram que, no inconsciente, há fatos ou, se se quer, dados que devem ser explicados. Em outras palavras, a verdade se alcança na coerência dos enunciados ou na correspondência dos enunciados com os fatos? (Hanly, 1989; Richards, 1990). Os ontoanalistas, a partir de Binswanger (1946), não duvidaram que a psicanálise (existencial) é uma experiência intersubjetiva e muitos psicanalistas freudianos também pensam o mesmo, ainda que nem todos estejam dispostos a desconsiderar a qualidade assimétrica do diálogo psicanalítico. (Veja se: Baranger, 1992). Há psicanalistas, por outro lado, que acreditam na possibilidade de que esse dilema conflua para uma só via de abordagem gnosiológica (Maria Isabel Siquier, 1993).

Isto nos leva a outro problema: o da realidade psíquica ou fantasia, onde se repete a mesma discussão a realidade psíquica se esgota no sentido em que analista e analisado podem lhe dar, no horizonte da situação analítica, através dos jogos de linguagem que se desenvolvem no círculo hermenêutico ou a realidade psíquica consiste de fatos que a linguagem (em seu sentido amplo) expressa na situação de transferência/contra transferência e que podemos explicar através da repetição? Se o círculo hermenêutico gira no vazio, sem referência aos fatos, pode conduzir insensivelmente, como dizem com severidade Thöma e Kächele (1985), a uma espécie de folie a deux. Não esqueçamos, ao mesmo tempo, que, desde Schleiermacher, todos sabemos que o conhecimento é contextual, que não há fatos ou dados livres de um contexto.

Creio que a problemática é a mesma; ainda que colocada em termos de realidade psíquica resulta mais atraente e prática para os analistas. Não é casual, para mim, que se tenha escolhido para o novo número da nossa série de monografias o artigo de Freud de 1908, "Escritores criativos e devaneio". Fiz muitas consultas antes de escolher o tema do Congresso de San Francisco e creio que, ao me decidir por "A realidade psíquica", respondo a uma inquietação geral. A realidade psíquica é, sem dúvida, uma das grandes descobertas de Freud e mereceu a atenção de muitos destacados analistas ao longo do tempo.

As controvérsias ocorridas no seio da Sociedade Britânica, no primeiro lustro dos anos quarenta, recém publicadas sob a direção responsável de Pearl S. King e Riccardo Steiner (1991), giraram em torno do conceito de fantasia inconsciente; e esta tradição tem continuidade com todos os psicanalistas kleinianos, como Hanna Segal (1963/1964), Rosenfeld, Bion, Meltzer e Betty Joseph, para citar somente alguns dos mais destacados. Os analistas da América Latina, muitos dos quais receberam influência da Escola Inglesa, também se ocuparam deste tema, como se pode ver no excelente trabalho que Madeleine Baranger leu neste Congresso.

Uma grande parte da obra de Jacob A. Arlow (1969, 1979, 1985, etc.) e Charles Brenner (1976, 1982, etc.) tem seu epicentro no conceito de fantasia inconsciente e compromise formation, um tema para o qual também tem contribuído Leo Rangell (1988), Harold P. Blum (1988) e outros destacados mestres da psicologia do ego. Coroando sua longa investigação sobre conflitos psíquicos e compromise formation, em seu último manuscrito, Brenner (1992) nos propõe uma profunda revisão da teoria estrutural, que a seu juízo já cumpriu seu ciclo histórico, enquanto Leo Rangell (1992), ao receber o Simmel Fenichel Award em Los Angeles, pensa que a teoria estrutural continua sendo o paradigma da psicanálise, dentro do qual podem integrar se os aportes de diversos autores e escolas.

A realidade psíquica, enfim, vai nos proporcionar a ocasião de discutir sobre o método, a teoria e a epistemologia da psicanálise, não menos que sua técnica, já que nosso trabalho repousa, em grande medida, sobre a forma com que

entendemos e interpretamos a realidade psíquica e sua relação com a realidade exterior. Como se articulam entre si, quanto de uma há na outra, são interrogações que nos põem em contato com a teoria do trauma e da sedução, com a sexualidade infantil e, mais amplamente, com a teoria dos instintos na psicanálise. Os amigos que me preveniram cordialmente contra temas abstrusos ou demasiadamente teóricos podem estar seguros de que as discussões sobre a realidade psíquica darão, ao Congresso de San Francisco, um forte sabor clínico.

No momento em que os Estudos sobre a histeria vão completar cem anos e os Três ensaios noventa, talvez seja oportuno revisar a teoria : sexual da psicanálise, ver como influi na cultura de nosso tempo e como devemos ajustá-la a um mundo diferente, diferente porque a psicanálise, entre outros fatores, o transformou. é um assunto que haverá de se considerar seriamente para o programa científico do Congresso de Barcelona e espero que todos vocês me enviem sugestões.

Vivemos um momento histórico onde a violência e o sexo nos assediam desde os meios de comunicação de massa, onde a família se desagrega e as crianças sofrem, onde a diferença entre pobres e ricos se faz cada vez mais irritante e insuportável. é absolutamente necessário que a psicanálise faça ouvir sua palavra, que possa ser não só uma voz a mais no debate, mas um fator que contribua a orientá-lo para o bem da comunidade. Para que sejamos ouvidos é necessário, primeiro, reforçar nossa identidade teórica e profissional, melhorando cada vez mais nossa eficácia clínica para nos inserirmos plenamente na angustiada sociedade a que pertencemos. Assim, ajudaremos nossos semelhantes e faremos valer os direitos que tem a psicanálise como um elemento indispensável na vida atual e na saúde mental. Em mãos de um Horst Kächele e outros estudiosos, a investigação empírica está mostrando, claramente, que os resultados da psicoterapia aumentam na proporção direta de sua duração e da frequência das sessões. Podemos mostrar, portanto, que nosso procedimento é de alta eficácia, além de preservar, como nenhum outro, a liberdade do homem enfermo que busca ajuda. Esta condição específica da psicanálise, o problema da integridade, o problema ético, inspirou o discurso de abertura do Congresso de Paris em 1973, de um dos nossos grandes homens, Leo Rangell.

Devemos preservar e defender o método psicanalítico, devemos dá-lo a conhecer respeitando sua individualidade. Assim, teremos uma participação mais ampla na sociedade que nos necessita, e contribuiremos, ademais, ao que para mim é indispensável, o aprofundamento de nossa profissão. Porque penso firmemente que a identidade de um psicanalista só é alcançada, na verdade, com uma formação sólida e rigorosa como a da IPA, com uma dedicação permanente ao estudo e ao aperfeiçoamento clínico e com um trabalho profissional que compense nossos esforços e nos permita exercitar o instrumento que tanto nos custou adquirir numa prática atraente e cotidiana. Um analista que não trabalha, deixa de sê-lo. E convoco a todos vocês para alcançarmos estes objetivos legítimos, nobres e acessíveis.

R. Horácio Etchegoyen

© Revista de Psicanálise - SPPA

* Presidente da Associação Psicanalítica Internacional.

[| Voltar ao Topo |](#)

[| Voltar ao Sumário |](#)